

Má formação de jovens atrasa desenvolvimento

País desperdiça número recorde de mão-de-obra com até
24 anos de idade por falta de educação de qualidade

Flávia Oliveira e Leticia Lins

• RIO e RECIFE. Foi preciso o século XXI bater à porta para o Brasil se dar conta do quanto custa não investir, na hora certa, em educação. No biênio 2005-2006, o país vive o pico de sua população jovem. Esse presente demográfico que é ter 35,2 milhões de habitantes de 15 a 24 anos (a faixa etária da entrada no mercado de trabalho), contudo, está sendo desperdiçado em razão da má formação da potencial mão-de-obra. A escolaridade mé-

dia dos jovens brasileiros é de 8,1 anos (equivalente apenas ao ensino fundamental), enquanto a também emergente Coréia do Sul já universalizou o nível médio na faixa etária. O descompasso resulta em menor desenvolvimento socioeconômico.

As estatísticas de educação no Brasil melhoraram muito na última década, mas a formação atual dos jovens é incapaz de atender às exigências do mercado. Na recém-divulgada Síntese de Indicadores Sociais, o IBGE dá a dimensão do tempo perdido. Dos adolescentes de 15 a 17 anos, apenas 44% frequentam o ensino médio. Na população de 18 a 24, um terço cursa universidade, mas 38,8% ainda estão no nível médio e 15,7%, no fundamental.

— Sabemos que o ensino médio já não é suficiente para entrar no mercado. Tanto que o desemprego é maior nesse nível de instrução. A situação é difícil para os jovens — diz Cristiane

*“Sem quantidade e
qualidade de educação
não há quantidade
nem qualidade de
emprego”*

MARCELO NERI
Economista da FGV

Soares, economista do IBGE.

Com tanto atraso, é fácil entender por que o desemprego e a informalidade são tão altos entre os jovens. Cálculos de Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), revelam que 15% dos jovens que entram no mercado de trabalho sem completar o ensino fundamental estão desempregados e 30% têm emprego sem carteira assinada. Para os que ao menos começaram a faculdade, os números são de 16% e 14%, respectivamente.

Neri explica que a desocupação é maior no primeiro caso porque o jovem sem instrução não pode ficar sem trabalhar — em geral, ele vem de famílias pobres. Prefere, portanto, a informalidade ao desemprego.

Já o mais instruído tem mais chance de conseguir emprego com carteira assinada. Daí o peso menor da informalidade.

— O resumo dessa história é que sem quantidade e qualidade de educação não há nem quantidade nem qualidade de emprego — diz Neri.

A baixa qualidade da força de trabalho prejudica as famílias, as empresas e o país como um todo. O economista Fernando Veloso, professor do Ibmecc, informa que cada ano adicional de escolaridade nos ensinos médio ou superior eleva a renda *per capita* dos países em meio ponto percentual anual. Como a população cresce cerca de 1,3% anuais, diz, cada ano de estudo a mais nesse nível de

pulação, o que é um sinal de melhora. Mas o problema é que o jovem está muito atrasado e é difícil resolver isso de uma hora para a outra — diz Aloísio Pessoa Araújo, vice-diretor da EPGE-FGV e pesquisador do Impa.

Único economista brasileiro a integrar a Academia Nacional de Ciências dos EUA, Araújo diz que a falta de qualidade na educação é o grande nó brasileiro:

— A qualidade afeta mais o desempenho econômico que a quantidade. É nesse ponto que o Brasil está muito ruim.

A deficiência é tão marcante que as empresas estão partindo para soluções próprias. Foi o caso da Canonne, multinacional francesa que fabrica as pastilhas Valda. Segundo a gerente de Re-

ursos Humanos, Ana Lucia Delgado, como o crescente nível de automação passou a exigir uma mão-de-obra mais qualificada, em 2002 a empresa iniciou, em parceria com o Sesí, um projeto educacional, que até o fim deste ano terá garantido o ensino médio a todos os 102 funcionários.

— A primeira turma foi de alfabetização. Agora, restam apenas 18 funcionários cursando o ensino médio. Cumprimos nosso papel social com nossos empregados, mas não contrataremos mais ninguém sem ensino médio completo — diz Ana Lucia, confirmando a dificuldade que os jovens de hoje enfrentarão no mercado.

Auxiliar de embalagem e fabricação, Maria Elenice dos

Santos Rondon, de 40 anos, é uma das alunas da Canonne. Três anos atrás, foi convocada a retomar os estudos que interrompera aos 14 anos ainda na quarta série, para iniciar a vida profissional como babá. Já o colega José Carlos da Cruz, dez anos mais novo, largou a escola no primeiro ano do ensino médio para se dedicar ao trabalho como agricultor.

— Tinha esquecido tudo, nem sabia fazer conta de dividir. No começo tive vergonha. Hoje, acho que foi muito gratificante.

“Tinha esquecido tudo, nem sabia fazer conta de dividir. No começo tive vergonha, mas foi gratificante”

MARIA ELENICE, 40 anos
Operária, voltou a estudar há 3 anos

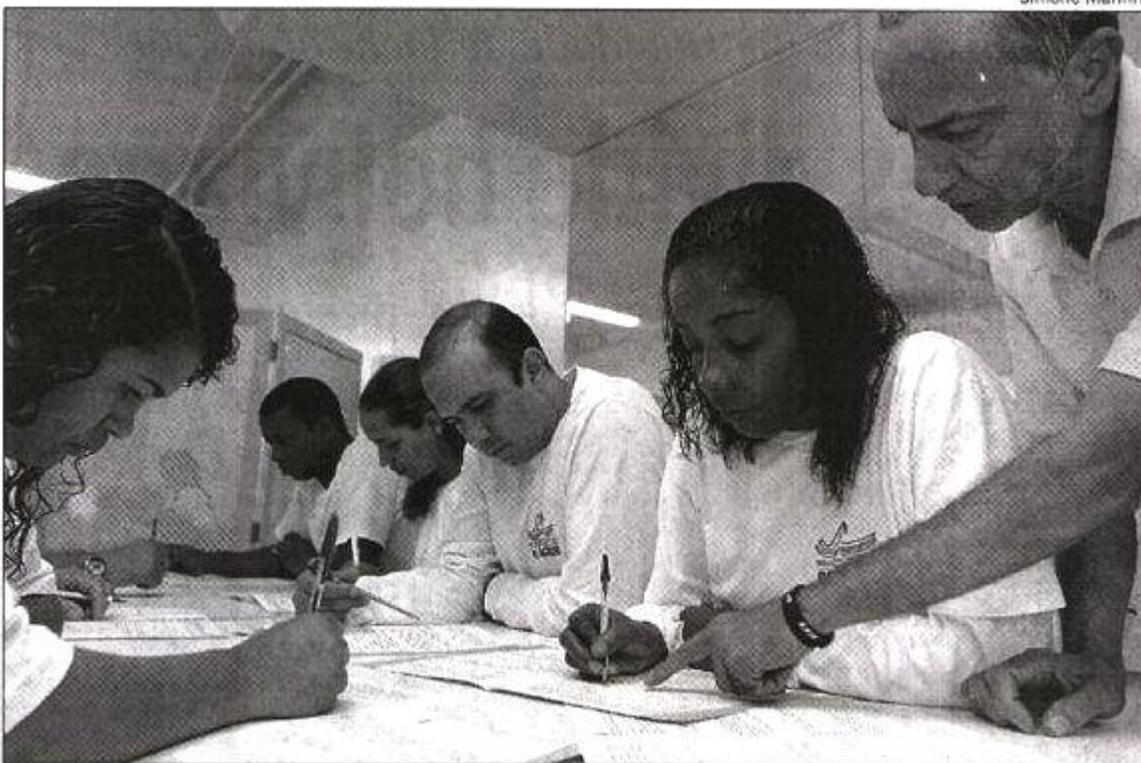
Estou terminando o ensino médio e já posso ajudar minhas filhas (de 15 e 7 anos) a estudar — emociona-se Elenice.

Se na média nacional a formação dos jovens é deficiente, o que dizer do Nor-

deste? Na região, somente 16% dos jovens de 18 a 24 anos estão na faculdade e 29% dos que têm de 15 a 17 freqüentam o ensino médio. É sinal de que as desigualdades regionais no país não vão diminuir tão cedo.

Recife está atacando o problema com o Projovem, parceria da prefeitura com o governo federal que está levando 10.800 jovens de 18 a 24 anos de volta às salas de aula. Eles não concluíram o ensino fundamental e planejam terminar o ciclo médio. A maioria abandonou os estudos para trabalhar, caso de Maria Rosely Ferreira dos Santos, de 24 anos:

— A gente se ilude e vai trabalhar, pensando que a vida é aquilo. Só depois descobre o tempo que está perdendo. ■



ELENICE RONDON (à direita) com os colegas na aula: a Canonne teve que investir na formação dos operários



ROSELY SANTOS (centro) voltou à escola para completar o ensino médio: "A gente se ilude e vai trabalhar"